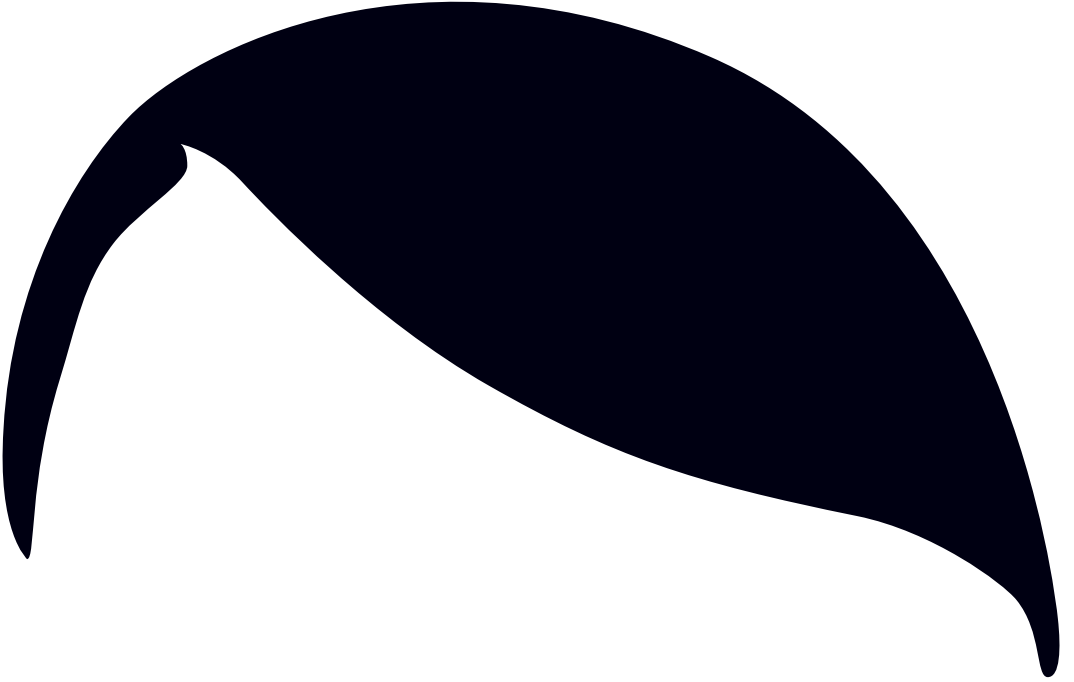


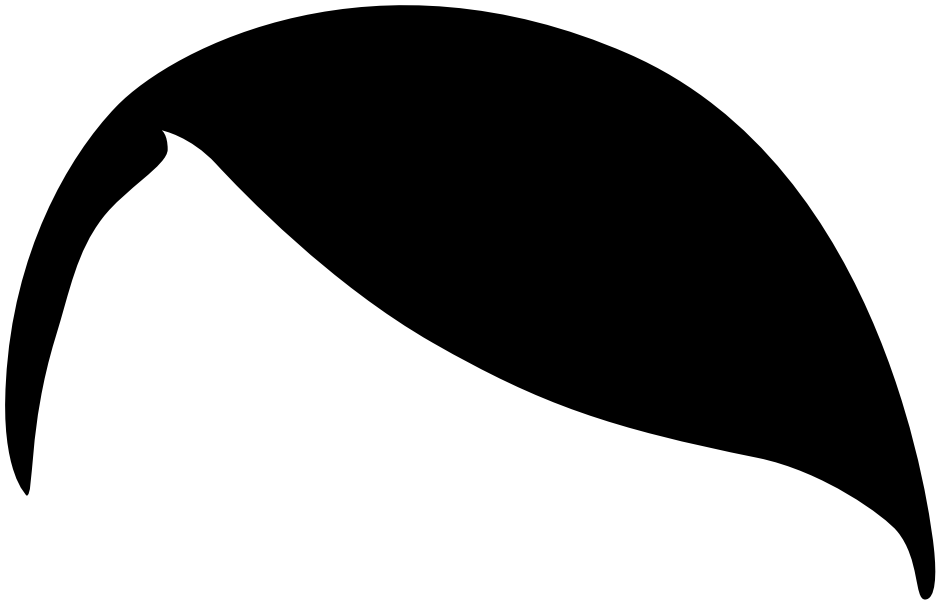
TIMUR VERMES



**ELE ESTÁ
DE VOLTA**

**ELE ESTÁ
DE VOLTA**

TIMUR VERMES



**ELE ESTÁ
DE VOLTA**

Copyright © 2012 by Bastei Lübbe AG

Publicado originalmente na Alemanha, sob o título *Er ist wieder da*,
por Eichborn – uma divisão de Bastei Lübbe Publishing Group

TÍTULO ORIGINAL
Er ist wieder da

PREPARAÇÃO
Ana Resende

REVISÃO
Bruno Fiuza

DIAGRAMAÇÃO
editoriarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V622e

Vermes, Timur, 1967-

Ele está de volta / Timur Vermes ; tradução Peterso Rissati. – 1. ed.
– Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

304 p. ; 23 cm.

Tradução de: Er ist wieder da

ISBN 978-85-8057-529-3

1. Ficção alemã. I. Rissati, Peterso. II. Título.

14-11065

CDD: 833

CDU: 821.112.2-3

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21)3206-7400

www.intrinseca.com.br

Todos os eventos, personagens e diálogos neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas e/ou suas reações, ou com empresas, organizações etc. são mera coincidência, pois em circunstâncias similares da realidade não é possível excluir totalmente outros procedimentos e comportamentos das personagens. O autor considera importante reforçar que Sigmar Gabriel e Renate Künast na verdade não conversaram com Adolf Hitler.

Despertar na Alemanha

Quem mais me surpreendeu foi o *Völk*, o povo alemão. E esforcei-me para fazer o que era humanamente possível para destruir as bases de uma existência futura neste solo profanado pelo inimigo. Ordenei a destruição de tudo: pontes, usinas, estradas, estações de trem. Desde então, inspecionei, acho que em março, o cumprimento desse pedido e creio ter me expressado de forma bastante clara quanto a isso. Todos os serviços públicos deveriam ter sido destruídos: sistemas de distribuição de água, operadoras de telefonia, meios de produção, fábricas, oficinas, fazendas, qualquer propriedade, tudo, e com isso eu realmente quis dizer tudo! Nesses casos é necessário proceder com cuidado e precisão, e não deve restar a menor dúvida quando uma ordem como essa é expedida, pois sabemos que o simplório soldado local, a quem, é compreensível, falta visão geral e conhecimento dos contextos estratégicos e táticos em seu setor no front, dirá: “Mas eu tenho mesmo que incendiar isso... hum... quero dizer, esta banca de jornal aqui? Ela não pode cair nas mãos do inimigo? É tão terrível assim que uma banca de jornal caia nas mãos do inimigo?” Terrível? Claro que é terrível! O inimigo também lê jornais, não? Ele fará negócios, usará a banca contra nós, e tudo que encontrar! É necessário destruir todas as bancas, e volto a enfatizar: todas as propriedades devem ser destruídas! Não apenas as casas, mas também as portas. E as maçanetas. E, em seguida, os parafusos, e não apenas os grandes. Os parafusos precisam ser desparafusados e entortados sem piedade. E as portas devem ser trituradas até virar serragem. E então queimadas. Pois o inimigo não terá piedade alguma e atravessará essas portas, de forma implacável, para dentro e para fora, a seu bel-prazer. Quero ver, porém, o Sr. Churchill se divertir com uma maçaneta quebrada, com parafusos tortos e com um montinho de cinzas! De qualquer forma, essas

necessidades são uma consequência brutal da guerra, que para mim sempre esteve muito clara, e por isso minha ordem também não pode ser outra, mesmo que o contexto dessa ordem tenha sido diferente.

Pelo menos no início.

Não é possível mais negar que, no fim, o povo alemão mostrou-se inferior nas batalhas épicas contra os ingleses, contra o bolchevismo, contra o imperialismo, e por isso, digo sem rodeios, perdendo o direito a sua própria sobrevivência, mesmo nos níveis mais primitivos dos caçadores-coletores. A partir daí, perdeu também qualquer direito à distribuição de água, a pontes e a estradas. E também às maçanetas das portas. Por isso e também, em parte, pela integridade, expedi a ordem, pois obviamente tomei algumas providências diante e no entorno da chancelaria do *Reich*, e é necessário reconhecer de uma vez: os norte-americanos e os ingleses, em grande medida, no tocante à minha ordem, executaram uma parte considerável do trabalho com seus B-17. É claro que não supervisionei o cumprimento de todos os detalhes do que decretei no período que se seguiu. Pode-se imaginar que eu tinha muito a fazer: derrotar os americanos no Ocidente, defender a Alemanha dos russos no Oriente, garantir o progresso no planejamento urbano da capital mundial, a Germânia, e assim por diante, mas o exército alemão acabou ignorando o restante das maçanetas, segundo minha avaliação. E, por esse motivo, esse povo não poderia nem mesmo continuar a existir.

Porém, e posso confirmar isso agora, ele ainda está aí.

Para mim, isso é algo um tanto incompreensível.

Por outro lado, eu também estou aqui, o que é ainda menos compreensível.

Eu me lembro do momento em que acordei, devia ser início da tarde. Ao abrir os olhos, vi o céu acima de mim. Estava azul, com poucas nuvens, clima ameno, e logo ficou claro que estava ameno demais para abril. Quase se podia dizer que estava quente. Parecia relativamente calmo, acima de mim não havia nenhuma aeronave inimiga, nem o estouro da artilharia, nenhum ataque nas proximidades, nenhuma sirene de alerta de ataque aéreo. Também observei que não havia chancelaria do *Reich* ou o bunker do *Führer*. Virei a cabeça e vi que eu estava deitado no chão de um terreno baldio, cercado pelas paredes de tijolos das casas vizinhas, que tinham sido parcialmente pichadas por pivetes; ver isso me deixou irritado no mesmo instante e decidi, espontaneamente, chamar Dönitz para uma conversa. A primeira coisa que pensei, meio sonolento, foi que Dönitz também devia estar em algum lugar por ali. Mas então, a disciplina e a lógica venceram e logo percebi a peculiaridade da situação: eu não costumava acampar a céu aberto.

Comecei a refletir: o que eu tinha feito na noite anterior? Eu não poderia ter consumido álcool em excesso, pois não bebo. A última coisa de que me lembrava era de estar sentado com Eva num sofá. Recordei também que eu, ou nós, estávamos sentados lá um tanto despreocupados; pela primeira vez, eu tinha decidido deixar um pouco de lado os assuntos do Estado. Não tínhamos outros planos para a noite, coisas como sair para jantar, ir ao cinema ou algo assim não vinham ao caso, o que era óbvio, pois a oferta de entretenimento da capital do *Reich*, felizmente, quase não existia mais, também por ordem minha. Não poderia dizer com certeza se, nos dias seguintes, Stalin apareceria na cidade, pois naquele momento não

era possível descartar nenhuma hipótese. O que eu podia dizer com certeza era que, procurar um cinema por aqui seria tão inútil quanto procurar um em Stalingrado. Acho que Eva e eu ainda conversamos um pouco, e eu lhe mostrei minha velha pistola, mas não consegui me lembrar de mais detalhes depois de ter acordado. Também porque estava com dor de cabeça. Não, minha tentativa de relembrar a noite anterior não estava dando em nada.

Então, decidi tomar as rédeas da situação e enfrentá-la mais de perto. Na minha vida, aprendi a observar, a refletir, até a perceber com frequência as menores coisas, que a maioria dos eruditos pouco valoriza e até mesmo ignora. Eu, ao contrário, posso dizer, com a consciência tranquila, que, graças a muitos anos de disciplina rígida, fico ainda mais impassível e mais concentrado diante de uma crise, e meus sentidos também se aguçam. Trabalho de forma precisa e tranquila, como uma máquina. Resumo metodicamente as informações das quais disponho: estou deitado no chão. Olho ao meu redor. Ao meu lado há lixo, crescem ervas daninhas, caules, um arbusto lá e cá, uma margarida ali, um dente-de-leão. Ouço vozes, que não devem estar muito distantes, gritos e o ruído contínuo de uma bola sendo chutada; olho na direção do barulho, que vem de alguns meninos jogando futebol. Não são mais crianças, mas ainda são muito novos para a guarda-civil, e provavelmente estão na Juventude Hitlerista, mas é claro que neste momento não estão de serviço; o inimigo parece ter dado uma trégua. Um pássaro se move no galho de uma árvore, pipila, canta. A maioria das pessoas interpretaria isso apenas como um sinal de alegria, mas numa situação incerta, o conhecedor da natureza e da luta diária pela sobrevivência poderá inferir desta ínfima informação que não existem aves de rapina por perto. Bem ao lado da minha cabeça há uma poça que parece diminuir; certamente choveu há bastante tempo, mas a chuva já parou. Ao lado da poça está meu quepe. É assim que funciona minha mente qualificada, e foi assim que ela trabalhou, mesmo naquele momento confuso.

Levantei-me. Consegui fazer isso sem maiores dificuldades, e depois movi as pernas, as mãos e os dedos. Parecia não ter ferimento algum, meu

estado físico era excelente, tirando a dor de cabeça, eu estava totalmente saudável, e mesmo o tremor da minha mão parecia ter diminuído até quase desaparecer. Olhei para o meu corpo: eu estava vestido, usando uniforme e o casaco militar, que estava um pouco sujo, embora não muito, o que descartava a possibilidade de eu ter sido enterrado vivo. No casaco, pude identificar terra, e me pareceu que também havia migalhas de pão, bolo ou algo assim. O tecido tinha um forte cheiro de combustível, talvez gasolina; é provável que Eva tenha tentado limpar meu uniforme, mas acabou usando uma quantidade exagerada de solvente. Eu poderia dizer que ela derrubou um galão inteiro em cima de mim. Eva não parecia estar por perto nem ninguém da minha equipe. Enquanto eu limpava com as mãos o grosso da sujeira do meu casaco, das mangas, ouvi uma voz.

— Ei, deem uma olhada nisso!

— Quem é esse pobre coitado?

Pelo visto, eu dava a impressão de estar precisando de ajuda, e os três jovens hitleristas reconheceram esse fato de forma exemplar. Interromperam a partida de futebol, aproximaram-se com respeito, o que era compreensível, pois ver o *Führer* do Império Alemão tão de perto, em um terreno baldio usado pela comunidade para a prática de esportes e exercícios físicos, caído entre dentes-de-leão e margaridas, significa também para o jovem ainda imaturo uma virada incomum no dia a dia. Por isso, o pequeno bando se apressou, como cães de caça, para me ajudar. A juventude é o futuro!

Os garotos reuniram-se ao meu redor, mas mantiveram certa distância. Eles me examinaram e, em seguida, o maior do grupo, que obviamente era o líder, perguntou:

— Tudo certo, chefe?

Apesar de estar apreensivo, não pude deixar de registrar que a Saudação Alemã foi feita erroneamente. Decerto, trocaram “*Führer*”, o líder, para chefe devido ao espanto deles. Numa situação menos confusa, minha presença poderia ser involuntariamente cônica, assim como, mesmo nas impiedosas tempestades de aço das trincheiras, acontecem as brincadeiras mais bizarras. Contudo, mesmo nas situações mais inusitadas, o soldado deve mostrar

certo automatismo; esse é o objetivo dos treinamentos — quando esses automatismos falham, o exército inteiro passa a não valer nada. Eu me empertiguei, o que não foi tão fácil, pois devo ter ficado muito tempo deitado ali. Ainda assim, arrumei o casaco e limpei mais ou menos a calça dando algumas batidinhas nela. Então, pigarreei e perguntei ao líder dos camaradas:

— Onde está Bormann?

— Quem é esse aí?

Inacreditável.

— Bormann! Martin!

— Conheço não.

— Nunca ouvi falar.

— Como ele é?

— Ele é o diretor de chancelaria do *Reich*, ora!

Havia algo muito estranho ali. Era óbvio que eu ainda estava em Berlim, contudo, aparentemente haviam tirado toda minha equipe governamental. Eu precisava voltar com urgência ao bunker do *Führer* e ficou bem claro que os jovens ali presentes não poderiam me ajudar muito. O que eu precisava fazer era me orientar. A área disforme na qual eu estava podia ser em qualquer parte da cidade. Porém, eu só precisaria ir até a rua — nesse aparente cessar-fogo duradouro com certeza haveria transeuntes, trabalhadores, choferes para me indicar o caminho.

Provavelmente, eu não parecia tão necessitado assim aos jovens hitleristas, que demonstraram querer voltar ao futebol. De qualquer forma, quando o mais alto deles virou-se para os camaradas, pude ler o nome que sua mãe havia estampado em cores espalhafatosas nas costas da camisa.

— Jovem hitlerista Ronaldo! Para que lado fica a rua?

A reação foi deplorável. Infelizmente, devo dizer que a tropa praticamente me ignorou: um dos menores, sem parar de andar, apontou sem energia com o braço para um canto do terreno baldio, no qual, ao me aproximar, vi de fato uma passagem. Fiz uma nota mental para “exonerar Rust” ou “afastar Rust”, o homem está no cargo desde 1934 e, mesmo no setor educacional, não há lugar para esse tipo de desleixo abismal. Como

um jovem soldado poderá encontrar seu caminho vitorioso até Moscou, no coração do bolchevismo, se nem é capaz de reconhecer o próprio comandante?!

Curvei-me, peguei meu quepe e, depois de ajeitá-lo, segui com passos firmes na direção apontada, que ficava num beco. Continuei por uma passagem estreita entre paredes altas, no fim da qual a iluminação da rua brilhava. Um gato medroso, sarapintado e descuidado, passou por mim grudado à parede, então dei mais uns quatro, cinco passos e cheguei à rua.

Perdi o ar diante da avalanche de luz e cor.

Eu lembrava que, da última vez que a vi, a cidade parecia muito poeirenta e até mesmo cinzenta, com montanhas de escombros e danos consideráveis. Porém, o que estava diante de mim naquele momento era algo bem diferente. Os escombros tinham desaparecido, ou ao menos haviam sido descartados com cuidado, e as ruas estavam ajeitadas. Em vez disso, nas laterais das ruas, viam-se estacionados muitos, diria até inúmeros, veículos coloridos, que deviam ser automóveis, mas eram menores, e ainda assim pareciam, pelo desenho, terem sido feitos pelas mãos excelentes da fábrica Messerschmitt, de tão avançados que eram. As casas eram pintadas com zelo em cores diversas, algumas delas me lembraram os doces da minha juventude. Reconheço que fiquei um pouco zozinho. Meu olhar buscou algo familiar. Então, vi um banco de parque deteriorado em uma área verde além do asfalto, dei alguns passos e não me envergonho de dizer que podem ter parecido até um pouco inseguros. Ouvi uma buzina, o frear dos pneus no asfalto, então alguém gritou para mim:

— Ei, velho, tá doido?! Tá cego?!

— Eu... desculpe-me... — Eu me ouvi dizer, assustado e, ao mesmo tempo, aliviado.

Ao meu lado havia um ciclista. Essa visão era, ao menos para mim, comparativa e duplamente familiar. Estávamos em tempos de guerra, como antes, e ele se protegia com um capacete bastante danificado por ataques anteriores, todo esburacado.

— Olhe por onde anda!

— Eu... perdoe-me... eu preciso me sentar.

— Você devia é ficar deitado. E por muito tempo!

Refugiei-me no banco do parque. Estava meio pálido quando me joguei no assento. Aquele homem mais jovem também pareceu não ter me reconhecido. De novo, não fez a Saudação Alemã, e sua reação foi como se tivesse quase atropelado um transeunte idoso comum, um qualquer. E essa negligência estava disseminada como prática aceita: um senhor mais velho passou por mim, balançando a cabeça, depois, uma senhora gorda com um carrinho de bebê futurista — outro elemento familiar, mas que também não parecia ser útil para a minha situação de desespero. Levantei-me e a abordei, esforçando-me para adotar uma postura confiante.

— Com licença, isso pode surpreender a senhora, mas eu... eu preciso saber qual é o caminho mais rápido até a chancelaria do *Reich*.

— O senhor é das pegadinhas do Stefan Raab?

— Como?

— Ou do Kerkeling? Do Harald Schmidt?

Talvez pelo meu nervosismo, acabei sendo um tanto grosseiro e agarrei-a pelo braço.

— Comporte-se, mulher! A senhora tem deveres como compatriota! Estamos em guerra! O que acha que os russos farão com a senhora quando chegarem aqui? Acha mesmo que vão olhar para o seu filho e dizer: olhe, uma criancinha alemã, e por amor a ela vou deixar meus instintos mais baixos dentro das calças? O futuro do Povo Alemão, a pureza do sangue e até mesmo a sobrevivência da humanidade estão em risco nessas horas, nesses dias! A senhora quer ser responsável pelo fim da civilização apenas porque, em sua incrível imbecilidade, não está disposta a mostrar ao *Führer* do *Reich* alemão o caminho até a chancelaria?

Quase não me assustava mais o fato de não conseguir reação alguma. Aquela mulher idiota puxou o braço da minha mão, olhou-me horrorizada e fez vários gestos circulares com a mão aberta ao lado da sua cabeça, num gesto claro de reprovação. Não havia mais o que contestar: algo ali estava totalmente fora de controle. Eu não estava sendo mais

tratado como um comandante do exército, como o *Führer* do *Reich*. Os meninos que jogavam futebol, aquele senhor, o ciclista, a mulher com carrinho de bebê — não podia ser coincidência. Meu impulso seguinte foi o de pedir que os órgãos de segurança reestabelessem a ordem. Contudo, contive-me. Não sabia o suficiente sobre a minha situação. Precisava de mais informações.

Com frieza, minha capacidade de compreensão metodicamente ativa mais uma vez recapitulou a conjuntura naquele momento. Eu estava na Alemanha, em Berlim, mesmo que a cidade me parecesse totalmente estranha. Essa Alemanha era diferente, mas se assemelhava em algumas coisas ao *Reich* que me *era* tão familiar: ainda havia ciclistas, automóveis, então também era muito provável que houvesse jornais. Olhei ao meu redor. De fato, havia algo embaixo do meu banco que parecia ser um jornal; contudo, a impressão era um pouco dispendiosa demais. O material era colorido, algo totalmente desconhecido para mim, e chamava-se *Media Markt*. Eu não conseguia sequer me lembrar de ter autorizado algo desse tipo, pois nunca faria isso. As informações nele eram incompreensíveis, e a raiva crescia dentro de mim. Como, em tempos de escassez de papel, era possível ter tanto desperdício irrecuperável dos valiosos recursos públicos com uma porcaria tão acéfala como aquela? Walther Funk já podia se preparar para uma bela reprimenda assim que eu voltasse à minha mesa de trabalho. Porém, naquele instante, eu precisava de notícias confiáveis, um *Völkischer Beobachter*, um *Stürmer*, e teria ficado satisfeito até mesmo com um *Panzerbär*. Vi que havia uma banca de jornal perto dali, e até mesmo a essa distância observável era possível perceber que ela parecia ter uma oferta extraordinária de publicações. Se alguém visse, diria que estávamos na mais profunda e preguiçosa paz! Eu me levantei impaciente. Já havia perdido tempo demais, era necessário restabelecer a toque de caixa as condições ordeiras. A tropa com certeza precisava de orientação, eu devo ter perdido alguma coisa nesse meio-tempo. Por isso, dirigi-me rapidamente à banca.

Já a minha primeira inspeção mais próxima resultou em informações interessantes. Muitos jornais coloridos, em turco, estavam pendurados do

lado de fora. Dava para perceber que muitos turcos haviam se mudado para cá nos últimos tempos. Devo ter passado um longo período inconsciente, no qual incontáveis turcos se refugiaram em Berlim. Notável. No fim das contas, a Turquia, em princípio aliada fiel do Povo Alemão, permanecera sempre neutra; apesar dos grandes esforços, nunca se dera o trabalho de ingressar na guerra ao lado do *Reich*. No entanto, pareceu naquele momento que, durante a minha ausência, alguém, provavelmente Dönitz, deve ter convencido os turcos a nos apoiarem. E a atmosfera antes pacífica nas ruas mostrava que a intervenção turca conduziu até mesmo uma virada decisiva na guerra. Fiquei pasmo. É claro que sempre respeitei os turcos, mas nunca soube que tinham tamanha força. Por outro lado, não pude acompanhar o desenvolvimento do país em detalhes por falta de tempo. As reformas de Kemal Atatürk devem ter impulsionado o país de uma forma sensacional. Esse parece ter sido o milagre no qual Goebbels sempre depositou suas esperanças. Meu coração palpitava repleto de uma confiança calorosa. Finalmente havia compensado o fato de eu nunca ter perdido a fé na vitória final, mesmo no momento do que supunham ser a escuridão mais profunda do *Reich*. Aquelas quatro ou cinco diferentes publicações em turco, coloridas, eram a prova cabal desse novo eixo bem-sucedido, Berlim-Ancara. Naquele momento, quando minha maior preocupação — com o bem-estar do *Reich* — parecia aliviada de forma tão surpreendente, precisava descobrir quanto tempo passei desmaiado naquele terreno baldio entre as casas. Não encontrei o *Völkischer Beobachter*, muito provavelmente a edição já tinha se esgotado, e lancei um olhar para algum outro jornal que parecesse confiável, um tal de *Frankfurter Allgemeine Zeitung*. Era novo para mim, mas fiquei feliz ao ver as letras góticas no nome do jornal, pois elas inspiravam confiança. Não perdi nem um segundo sequer com as notícias: procurei a data de imediato.

Lá estava, 30 de agosto.

De 2011.

Olhei para o número, perplexo, incrédulo. Dei uma olhada em outro periódico, o *Berliner Zeitung*, este também escrito num alemão impecável, e procurei a data:

2011.

Arranquei o jornal do suporte, abri-o, folheeí a página seguinte e a próxima:

2011.

O número começou a dançar na minha frente, quase como se zombasse de mim. Movia-se devagar para a esquerda, então depressa para a direita, e ainda mais veloz de volta, requebrando para lá e para cá, como costuma acontecer com o populacho nas tendas de cerveja em festas ao ar livre. Meus olhos tentavam seguir o número, compreendê-lo. Em seguida, o jornal escorregou das minhas mãos. Senti meu corpo tombar para a frente, procurei apoio em vão em outro suporte de jornais e agarrei-me aos diversos exemplares que caíram comigo no chão.

Então, tudo escureceu diante dos meus olhos.

ELE VOLTOU

Berlim, verão de 2011. Adolf Hitler acorda em um terreno baldio, vivo e bem. As coisas mudaram: não há mais Eva Braun, nem partido nazista, nem guerra. Hitler mal reconhece sua amada pátria, infestada de imigrantes e governada por uma mulher.

E ESTÁ FÜHRIOSO

As pessoas, claro, sabem quem ele é — um imitador brilhante que se recusa a sair do personagem. Até que o impensável acontece: o discurso de Hitler torna-se um viral, um campeão de audiência no YouTube, ele ganha seu próprio programa de televisão e se transforma em alguém que todos querem ouvir. Tudo isso enquanto tenta convencer a audiência de que sim, ele é realmente quem diz ser, e, sim, ele quer mesmo dizer o que está dizendo.

Uma sátira mordaz sobre a sociedade contemporânea governada pela mídia. Uma história bizarramente inteligente, bizarramente engraçada e bizarramente plausível contada pelo ponto de vista de um personagem repulsivo, carismático e até mesmo ridículo, mas indiscutivelmente marcante.

ISBN 978-85-8057-529-3



www.intrinseca.com.br